

Arqueologia das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Anna Paula Lombardi
(Organizadora)



 **Atena**
Editora

Ano 2019

Anna Paula Lombardi

(Organizadora)

Arqueologia das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Atena Editora

2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

A772 Arqueologia das ciências humanas e sociais aplicadas [recurso eletrônico] / Organizadora Anna Paula Lombardi. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Arqueologia das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-035-3

DOI 10.22533/at.ed.353191501

1. Arquitetura e urbanismo. 2. Patrimônio cultural. I. Lombardi, Anna Paula. II. Série.

CDD 720

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “Arqueologia das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas” aborda uma série de livros de publicação da editora Atena. O volume 1, apresenta 19 capítulos sobre os aspectos relevantes da área de conhecimento da Arquitetura e Urbanismo relacionado aos aspectos gerais das edificações. Os capítulos exibem a preocupação em relatar a importância de preservar os aspectos históricos e culturais que devem ser mantidos através das edificações.

O Patrimônio histórico cultural brasileiro de natureza material e imaterial, previsto na lei é uma forma de garantir a preservação e a história dos edifícios e possibilita manter a cultura em um determinado local e região. Embora, a maioria deles necessita de manutenção, reparos e restauração na materialidade para manter viva a imaterialidade contida nos imóveis.

Neste volume, os capítulos apresentam uma riqueza de detalhes e particularidades das edificações distribuídas em diversas cidades brasileiras. A importância desses estudos, estão evidenciados na formação em nível de graduação e pós-graduação de acadêmicos registrando um salto quantitativo e qualitativo nas últimas décadas corroborando com a relevância dos temas abordados.

Aos leitores desta obra, que ela possa inspirar a criação de novos e sublimes estudos, proporcionando discussões e propostas para um conhecimento significativo.

Anna Paula Lombardi

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A COR E AS SUPERFÍCIES ARQUITECTÓNICAS EM EDIFÍCIOS PATRIMONIAIS: O CASO DA IGREJA DE N. S. DA CONCEIÇÃO DOS HOMENS PARDOS, LARANJEIRAS, BRASIL	
<i>Eder Donizeti da Silva</i> <i>Adriana Dantas Nogueira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3531915011	
CAPÍTULO 2	18
A GALILÉ NOS CONVENTOS FRANCISCANOS NO NORDESTE DO BRASIL COLONIAL: INTEGRAÇÃO OU SEGREGAÇÃO?	
<i>Ivan Cavalcanti Filho</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3531915012	
CAPÍTULO 3	33
A IMAGEM COMO SÍMBOLO: UMA FOTOGRAFIA E A MODERNIDADE ARQUITETÔNICA NAS PRIMEIRAS CASAS DE GOIÂNIA	
<i>Ana Amélia de Paula Moura Ribeiro</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3531915013	
CAPÍTULO 4	49
A IMPORTÂNCIA DA PRESERVAÇÃO LEGAL DO ENTORNO DOS BENS INVENTARIADOS DO MUNICÍPIO DE SÃO LOURENÇO DO SUL, RS, BRASIL	
<i>Andréia Schneid</i> <i>Ana Lúcia Costa de Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3531915014	
CAPÍTULO 5	65
A TAIPA DE CARNAÚBA NO INTERIOR DO PIAUÍ: A INFLUÊNCIA DA GLOBALIZAÇÃO NA DESVALORIZAÇÃO DA CULTURA	
<i>Tayná Rosal Arnaldo</i> <i>Márcia Piauilino Lins</i> <i>Patrícia Mendes dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3531915015	
CAPÍTULO 6	78
ARQUITETURA E URBANISMO EM GOIÂNIA NOS REGIMES DE HISTORICIDADE TELEOLÓGICO E PRESENTISTA	
<i>Wilton Medeiros</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3531915016	
CAPÍTULO 7	89
CASA ZENON ROCHA: O PRIMEIRO TOQUE DA ARQUITETURA MODERNA NA CIDADE DE TERESINA	
<i>Emanuelle Karenyne Mota Chaves</i> <i>Hugo Bona de Carvalho</i> <i>Beatriz Natália Guedes Alcoforado Aguiar</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3531915017	

CAPÍTULO 8 101

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA ATTÍLIO CORREIA LIMA: REQUALIFICAÇÃO EM PATRIMÔNIO CULTURA EDIFICADO

Ariene Ferreira Silva

DOI 10.22533/at.ed.3531915018

CAPÍTULO 9 119

DIÁLOGO ENTRE ARQUITETURA E PRESERVAÇÃO DOCUMENTAL

Ana Cristina de Souza

Eliana Maria dos Santos Bahia

DOI 10.22533/at.ed.3531915019

CAPÍTULO 10 136

ESTADO DE CONSERVAÇÃO DE EDIFICAÇÕES PRETENSAMENTE RESTAURADAS: O CASO DO CAMPUS DE LARANJEIRAS DA UFS/SERGIPE/BR

Eder Donizeti da Silva

Adriana Dantas Nogueira

Josefa Luana Oliveira Freire

DOI 10.22533/at.ed.35319150110

CAPÍTULO 11 153

GEOMETRIA E ARQUITETURA: CONSTRUÇÃO DE ESTRUTURAS COMPLEXAS A PARTIR DE MÓDULOS GEOMÉTRICOS

Mariana Tiemi Uemura Kawaguti

Patricia Andrea Paladino

DOI 10.22533/at.ed.35319150111

CAPÍTULO 12 170

GERHARD BORMANN E O CEARÁ: NOVOS MATIZES NO PROCESSO DE DIFUSÃO DA ARQUITETURA MODERNA NO BRASIL

Paulo Costa Sampaio Neto

DOI 10.22533/at.ed.35319150112

CAPÍTULO 13 187

INDÍCIOS DA MODERNIZAÇÃO DA ARQUITETURA ESCOLAR NA DÉCADA DE 1930 EM MANUAIS DE OBRAS PÚBLICAS

Marina Goldfarb

Nelci Tinem

DOI 10.22533/at.ed.35319150113

CAPÍTULO 14 201

O RESGATE E A CONSERVAÇÃO DA MEMÓRIA PROJETUAL E CONSTRUTIVA DO CAMPUS

Claudio Antonio S. Lima Carlos

DOI 10.22533/at.ed.35319150114

CAPÍTULO 15 218

PATRIMÔNIO CULTURAL EDIFICADO EM RISCO: CASOS NO PLANALTO SUL-RIO-GRANDENSE

Liliany Schramm da Silva Gattermann

Mariana Mattei Santos

DOI 10.22533/at.ed.35319150115

CAPÍTULO 16	230
PATRIMÔNIO CULTURAL: DO TOMBAMENTO À RESTAURAÇÃO	
<i>Franciane dos Santos Pereira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.35319150116	
CAPÍTULO 17	241
A (NÃO) DOCUMENTAÇÃO DA MORTE DA ARQUITETURA INDUSTRIAL: ESTUDO DE CASO EM BELO HORIZONTE	
<i>Ronaldo Andre Rodrigues da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.35319150117	
CAPÍTULO 18	261
ROTA DA ARQUITETURA RELIGIOSA NO PIAUÍ: ESTUDO COMPARATIVO ENTRE AS INFLUÊNCIAS ESTILÍSTICAS DAS PRINCIPAIS EDIFICAÇÕES SACRAS DO SÉC. XVII	
<i>Alaiana Rodrigues Lima</i>	
<i>Tiago Silva de Sousa</i>	
<i>Modesto Luis de Sousa Neto</i>	
<i>Naira Oliveira Martins da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.35319150118	
CAPÍTULO 19	274
SANTO ANTÔNIO DE JESUS – RECONSTRUINDO UMA HISTÓRIA CONSCIENTIZAÇÃO CULTURAL ATRAVÉS DA CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DE SANTO ANTÔNIO DE JESUS	
<i>Bruna Andrade Silva</i>	
<i>Jade Andrade Malta Santos</i>	
<i>Luana Veiga Meira</i>	
<i>Vitória Maria</i>	
DOI 10.22533/at.ed.35319150119	
SOBRE A ORGANIZADORA	288

A TAIPA DE CARNAÚBA NO INTERIOR DO PIAUÍ: A INFLUÊNCIA DA GLOBALIZAÇÃO NA DESVALORIZAÇÃO DA CULTURA

Tayná Rosal Arnaldo

Centro Universitário UNINOVAFAPI,
Departamento de Arquitetura e Urbanismo
Teresina – PI

Márcia Piauilino Lins

Centro Universitário UNINOVAFAPI,
Departamento de Arquitetura e Urbanismo
Teresina - PI

Patrícia Mendes dos Santos

Centro Universitário UNINOVAFAPI,
Departamento de Arquitetura e Urbanismo
Teresina – PI

RESUMO: Diante do atual fenômeno da globalização e suas possíveis influências na identidade cultural de um povo, o presente artigo trata a respeito da taipa de carnaúba, técnica construtiva vernácula encontrada principalmente na região litorânea do estado do Piauí, porém, a mesma vem se enfraquecendo e perdendo continuidade a cada geração. Os estereótipos que cercam a arquitetura de terra têm-na colocado em uma injusta balança com os materiais manufaturados ditos convencionais ocasionando a desvalorização e ausência de manifestação da verdadeira importância que ela carrega. Diante disso, surge o questionamento: A globalização promove a miscigenação das culturas ou impõe uma cultura acima das outras? Através desse trabalho será analisada

a técnica, sua eficiência e principalmente poder documentá-la para que o saber fazer não se perca, avivando naqueles que se utilizam dela o desejo de mostrar sua cultura, bem como os efeitos da globalização nesse processo.

PALAVRAS-CHAVE: Taipa de Carnaúba; Piauí; Globalização; Patrimônio.

1 | INTRODUÇÃO

A Globalização, fenômeno crescente nos últimos anos, pode ser entendida como um processo onde se busca unificar o mundo, para tal, possui grandes incentivos para o compartilhamento de informações e ações que se inter-relacionam. Suas propostas giram em torno principalmente da economia, o que é compreensível, já que, a mesma, se desenvolveu após o apogeu do capitalismo, no entanto, ela não se restringe apenas nesse meio se expandindo também no campo da política e cultura, sendo assim, transações comerciais são feitas e ideologias políticas disseminadas, culminando em mudanças nos estilos de vida.

Segundo estudiosos como Milton Santos e Octávio Ianni, a globalização deu seus primeiros passos no período das grandes navegações nos séculos XV e XVI onde iniciou-se o contato do povo europeu com os demais continentes

entre eles a América. Décadas a frente nos períodos pós-guerras e em especial na Guerra Fria, resultando na queda do muro de Berlim, o mundo antes dividido entre Socialismo e Capitalismo, passou a respirar o desenvolvimento acelerado do último (CARVALHO, 2011, p.5).

A produção em massa, novas tecnologias, criação de novos materiais, aumento do fluxo comercial no mundo, arrematado com a evolução da internet permitindo que tais ações sejam compartilhadas rapidamente, provoca efeitos na sociedade tanto no âmbito comercial como também no político, dentre eles, a criação de blocos econômicos, desenvolvimento de novos produtos, serviços e tecnologias, mudanças nas relações entre países, além dos efeitos nas culturas dos povos, aspecto esse que será discutido no artigo.

Essa movimentação de ideias, culturas e compartilhamento de estilos de vida dando a possibilidade de o mundo estar conectado possibilitando o fácil acesso por meio da internet nos leva a questionar até que ponto isso pode ser positivo, pois, sabe-se que apesar de tamanho crescimento a grande fatia dos benefícios da globalização ficam concentradas nos países desenvolvidos, onde, trazendo-se para o aspecto cultural é nítida a influência desses sobre os emergentes.

Diante desse cenário surge a questão: A globalização promove a miscigenação das culturas ou impõe uma cultura acima das outras? Tendo em vista o que já foi apresentado os países desenvolvidos detentores em sua maioria do poderio de influência lançam para os emergentes os seus produtos, pesquisas e modo de viver, e estes, com as raízes de colonizados, absorvem a cultura que vem de fora deixando de lado o que é seu.

Tal fenômeno tem sido visto no Brasil, país emergente de dimensões continentais e conseqüentemente com uma cultura riquíssima, onde cada região possui culturas, valores, fauna, flora, cores e sabores completamente distintos, mas que ainda carrega consigo a ideia de que a cultura deve ser elitizada, fato esse encontrado supervalorização do que vem de fora e esquecimento dos elementos simples, mas nativos do Brasil.

A exemplo disso, tem-se como objeto de estudo a taipa de carnaúba, técnica vernacular bastante utilizada no interior do Estado do Piauí e que tem sido vítima da desvalorização. Por ser vernacular, seu meio de divulgação principal é a passagem da técnica de geração em geração o que não tem sido feito ultimamente pois não existe um estímulo para que isso ocorra, as pessoas detentoras do saber fazer acham que o que por elas é produzido não é importante e o considerado ideal seria uma casa de materiais manufaturados. Assim, o objetivo do trabalho é analisar as possíveis influências da globalização na identidade cultural de um povo aplicando as informações recolhidas à técnica da taipa de carnaúba.

Para concretizar o estudo, serão levantados dados que possam dar embasamento teórico para a pesquisa através de autores como Olavo Pereira em “Carnaúba, Pedra e Barro na Capitania de São José do Piauí” que conta com três volumes, Dossiês

de cidades como Parnaíba – PI, onde são encontrados inúmeros exemplares de residências de taipa de carnaúba, artigos acerca da globalização e sua influência sobre a cultura, a técnica da taipa, dados sobre a importância da carnaúba para o estado, documentários, sites, além de trazer aplicados os conceitos de Cultura, Identidade, Patrimônio Imaterial, Registros, Preservação, Memória, Patrimônio Cultural e as Cartas Patrimoniais complementados por autores como Hugues de Varine.

2 | CARNAÚBA: “ÁRVORE DA VIDA”

A carnaúba (*copernícia prunífera*), palmeira nativa do Brasil, em especial da região Nordeste, é encontrada principalmente nos estados do Ceará, Rio Grande do Norte e Piauí, seu nome é originário da língua indígena Tupi significando “árvore que arranha” fazendo alusão ao seu tronco escamoso. Essa planta tão famosa foi catalogada por volta de 1648 em um livro intitulado “História Naturalis Brasiliae” escrito por Guilherme Piso e dedicado à João Mauricio de Nassau, nele foram listadas a fauna, flora, etnografia e etnologia da área Nordeste do país (CARVALHO, GOMES, 2007, p.3).

Por ser uma planta nativa, sua expansão se dá pela proliferação das sementes pelos animais, possui fácil cultivo devendo-se atentar para o fato de que ela é de pleno sol não se desenvolvendo bem na sombra, essa palmeira pode atingir 15 metros de altura, cresce às margens de rios ou em áreas alagadas favorecendo a proteção do solo contra a erosão, sua fisiologia garante que não haja perda de água, pois, suas folhas são revestidas por uma cera que a impermeabiliza, cera essa que é exportada sendo fonte de renda para muitos produtores rurais (LIMA, 2009, p. 10 - 12).

Além da cera que pode ser usada para cosméticos, indústria farmacêutica, eletrônica, polidores, lubrificantes, nada na carnaúba se perde: suas folhas podem ser usadas para coberturas de casas, adubo, artesanato. (LIMA, 2009 p. 21 - 23), seu tronco é usado na construção civil, como madeiramento para o telhado, pilares, para a taipa, também dele é extraído o palmito. Os seus frutos podem ser usados para alimentação animal, extração de óleo, e das suas raízes remédios naturais. Além desses usos, essa palmeira é bastante utilizada em paisagismos tanto urbanos quanto residenciais.

Por tamanha importância e presença marcante no Piauí a carnaúba foi escolhida recentemente, 21 de setembro de 2017, como a árvore símbolo do estado através de uma pesquisa pública promovida pela Secretaria Estadual do Meio Ambiente e Recursos Hídricos do Piauí (SEMAR) e a Universidade Estadual do Piauí (UESPI) onde a mesma concorreu com outras quatro variedades entre elas o ipê amarelo, bacuri e jatobá, vencendo com 49,1% dos votos, fato que corrobora a importância dessa árvore na memória e afetividade da população piauiense.

3 | A TAIPA DE CARNAÚBA

O uso do barro nas construções confunde-se até mesmo com a origem das moradias, pois, pesquisas arqueológicas comprovam cidades inteiras feitas de terra crua como Palestina, Irã, Iraque, Iemên, Turquia, China, Peru, México, e locais da Europa muitas delas datando cerca de 9000 anos. As técnicas construtivas usando a terra possuem várias tipologias, dentre as mais usadas estão, a taipa de mão ou pau a pique, a taipa de pilão, e o adobe, onde é feito uma massa de barro, e posteriormente colocada em formas onde serão secadas ao sol.

No Brasil, o uso da terra foi difundido pelos portugueses que vieram colonizar o país, os índios nativos não conheciam esse uso, pois, suas ocas usavam basicamente uma estrutura de ripas com fechamento de palha, há ainda deduções de que no desenvolvimento da taipa em terras brasileiras houve contribuições indígenas e africanas, onde, dos primeiros vieram as armações em madeira e era costume dos africanos revestir suas habitações com o barro. Dessa forma, foi-se adaptando às novas técnicas às necessidades locais onde muitas casas foram feitas em taipa de pilão e pau a pique, estas, eram muitas vezes provisórias e substituídas por outras de pedra e cal, no entanto, a taipa continuou sendo usada em várias províncias principalmente nas regiões de São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, Paraná e Piauí (OLENDER, 2006, p. 47).

Como foi visto, a técnica da taipa, é uma herança da nossa colonização moldada ao longo do tempo e de acordo com as necessidades. No estado do Piauí, localizado na região Nordeste brasileira, a taipa foi largamente utilizada na maioria das construções da época, e atualmente ainda é possível observar exemplares que resistem ao tempo. A estrutura da taipa convencional se utiliza de uma estrutura de madeira mais grossa disposta na vertical fincada em uma fundação geralmente de pedras, nessa estrutura, são amarrados com arame, cipó, madeiras mais finas, como varas, fazendo um entramado que será preenchido com o barro (LOPES, et al., p. 76). No entanto a técnica da taipa de carnaúba possui algumas diferenças a serem consideradas.

A taipa de carnaúba é uma técnica construtiva difundida em larga escala principalmente na parte Norte do Piauí, essa incidência se dá devido ao fato de que essa palmeira é encontrada em abundância nessa região favorecendo sua utilização nas residências, diferente da taipa de mão convencional, a taipa de carnaúba não utiliza a armação com o madeiramento na vertical e horizontal mas sim um sistema conhecido como paliçada (Figura 1), onde os troncos da carnaúba, logo após serem retirados suas partes salientes, são colocados na vertical em espaçamentos mínimos (SILVA, v. 2, 2007, p. 68), posteriormente essa estrutura é preenchida com o barro, geralmente misturado com argila, e água, até formar uma pasta homogênea.



Figura 1: Paliçada de carnaúba com preenchimento em barro, Fazenda Jatobá - PI

Fonte: Silva, v.1, 2007

Olavo Pereira em Carnaúba, Pedra e Barro, denomina essas casas como “Casas de Carnaúba”, onde, dessa palmeira tudo se usava: “Esteio de carnaúba, frechal de carnaúba, caibro de carnaúba, ripa de carnaúba, taipa de carnaúba, esteira de carnaúba, acessórios de carnaúba: banco, surrão, abano, vassoura, cera, polpa de carnaúba [...]” (SILVA, v. 1, 2007. p. 47). Assim, pode-se observar a riqueza dessa palmeira e sua vital importância para a população local.

Além da taipa moldada apenas com o tronco da carnaúba e barro existe uma variação onde é feita a paliçada de carnaúba e o preenchimento é feito com barro e pedra (Figura 2), bem como, outra tipologia, onde, é colocado o tronco da carnaúba na vertical e na sua horizontal são amarradas varas mais finas assemelhando-se a taipa de mão convencional que posteriormente também são preenchidas com barro. As residências mais humildes que se utilizam da técnica são classificadas por Silva como “a imagem do homem do campo que traz em si, as crenças, culturas, elementos cotidianos, como o pote de barro, o pilão, tudo isso fincado no solo semiárido piauiense” (SILVA, v. 1, 2007. p. 55).



Figura 2 – Taipa de Carnaúba com preenchimento em barro e pedra, José de Feitas - PI

Fonte: Silva, v.1, 2007

Dentre os registros mais antigos de residências encontram-se acerca da taipa de carnaúba fazendas de gado bovino que são citadas por viajantes, dentre eles o relato de 1697 pelo Pe. Miguel do Couto onde o mesmo cita ter encontrado 129 fazendas no seu período de expedição pelo interior do Piauí. Posteriormente, em 1938 o Sr. Isaias Pereira, administrador das Fazendas Nacionais responsável por algumas reformas dessas fazendas afirma:

As construções eram de taipa formada com troncos de carnaúba, espaçados 0,35m e o varamento de marmeleiro, distanciados de 0,10m e amarrados com relho de couro de boi; enchimento de pedra e barro; encaibramento de tronco de carnaúba e do mesmo material o ripamento; telha vã; piso de terra batida; esquadrias cheias e largas; portas com 1,50, de pau-d'arco; pés-direitos altos, paredes de meia altura; avarandados largos e baixos (SILVA, v. 1, 2007. p. 73).

A taipa de carnaúba é encontrada principalmente em fazendas e casas de campo, todavia, ainda é presente em cidades como Oeiras, Jerumenha, Parnaaguá, e relatos orais afirmam que tal técnica também foi desenvolvida em Teresina (SILVA, v. 2, 2007. p. 68), no entanto, ela se concentra principalmente na região litorânea piauiense como nos municípios de Ilha Grande, Parnaíba, nesta última as residências feitas de taipa de carnaúba se encontram sobretudo ao longo da margem do rio como no bairro Mendonça Clark (Figura 3).



Figura 3 – Casa em taipa de carnaúba na cidade de Parnaíba - PI

Fonte: Conjunto Histórico e Paisagístico De Parnaíba, 2008

Esses bairros de Parnaíba devido à forte presença de tais edificações possuem uma aparência distinta do Centro Histórico e outras áreas para onde a cidade cresceu. Tais residências, além das paredes de carnaúba também possuem a palmeira como madeiramento do telhado e por vezes na cobertura com sua palha ou pela palha do babaçu, não se sabe ao certo a data de tais construções, no entanto observando-se suas estruturas como as vergas e linhas do telhado foi constatado que são bastante antigas (CONJUNTO HISTÓRICO E PAISAGÍSTICO DE PARNAÍBA, 2008, p. 32).

Com o mesmo programa, para a mesma gente, as casas de carnaúba e babaçu, inconfundíveis na forma e no cheiro, equivalentes na proteção térmica e no risco de fogo, renascidas num sopro úmido, ano após ano, imprimem um caráter de permanência, de cumplicidade ecológica, engendrando a alma e canalizando expressão temporal, parecem eternas (SILVA, v. 1, 2007. p. 47).

Assim, essa técnica vernacular é uma clara adaptação do homem humilde em busca de uma moradia, pois, o mesmo se aproveita de um material abundante em sua região e dele extrai meios de sobrevivência, são habitações simples, geralmente de porta e janela abrigando poucos cômodos, no entanto, essas residências possuem uma significação em si própria, pois as mesmas carregam consigo as histórias de um povo refletindo em cada parede informações de uma arquitetura única, um patrimônio que caracteriza esses locais.

4 | OS EFEITOS DA GLOBALIZAÇÃO NA TAIPA DE CARNAÚBA

Para Hugues de Varine (2013) em seu livro Raízes do Futuro, patrimônio é

tudo que tem um sentido para a comunidade, o que é herdado, criado, transformado, transmitido e que culmina na composição da personalidade, ou seja, é o DNA de um povo, o que o forma e está por toda a parte, mas, como ele próprio afirma, a educação tradicional que é oferecida molda a sociedade a pensar que o patrimônio se limita a critérios acadêmicos e estéticos muitas vezes elitizados, corroborando com isso, diz ainda que a cultura, entendida como tudo aquilo que um povo produz, seus conhecimentos hábitos e costumes passados pelas gerações, é muitas vezes vista como algo a que se precisa ter acesso e não com o sentimento de pertencimento do que está em torno (VARINE, 2013, p. 43).

No ano de 1985 os pesquisadores Adorno e Horkheimer escreveram um livro intitulado “Dialética do Esclarecimento” onde foi observado os efeitos da globalização sobre a cultura chegando-se ao termo Indústria Cultural (MARANHÃO, 2010, p. 4). Como o próprio nome sugere, a cultura agora é vista como uma forma de gerar lucros, definindo-se um padrão pelas grandes potências influenciadoras que posteriormente é difundido pelo mundo e considerado como absoluto, esse novo processo que também é denominado cultura de massa, tem provocado ao longo dos anos um estrangulamento das culturas dos povos menores e que não possuem tanta influência mundial.

A proposta da globalização de homogeneizar o mundo tem vitimado a cultura de muitos locais, dentre eles os detentores da taipa de carnaúba, pois a mesma está sendo esquecida e com poucas iniciativas de ser documentada fato observado até mesmo pelas pouquíssimas bibliografias acerca da técnica, além disso na cidade de Parnaíba onde foi feito um levantamento dessas residências mostrou-se a dificuldade para que elas sejam preservadas:

Neste momento, porém, é difícil incluir esta área na proposta de tombamento, pela dificuldade não apenas de fiscalização, uma vez que este tipo de técnica demanda cuidados constantes e permanente manutenção, mas também por características sociais, onde existe um preconceito sobre a arquitetura em taipa como sinônimo de pobreza. Seria necessário um investimento de valorização desta técnica e qualificação das edificações, para que se tentasse diminuir a pressão pela substituição por novas construções em concreto e alvenaria de tijolos. Portanto recomendamos o estudo destas edificações e sua inventariação, buscando uma forma compatível para realizar sua proteção (CONJUNTO HISTÓRICO E PAISAGÍSTICO DE PARNAÍBA, 2008, p. 32).

Observa-se que, diante dos mitos que cercam essa técnica os taapeiros se sentem desestimulados em passar seu conhecimento as novas gerações, já que a técnica está cercada por estereótipos, como estar relacionada a baixos índices de desenvolvimento, abrigar transmissores de doenças, o que pode ser facilmente sanado com manutenções nas obras, entretanto, isso a leva a ser colocada em uma preconceituosa balança de valores com as técnicas manufaturadas de construções ditas convencionais, assim, percebe-se que os valores do mundo globalizado está atrelado aos nossos dias ditando as regras na economia, política, ensino, estilo de vida, construção, cultura, de forma que é impossível ignorá-los, cabendo atenção

até que ponto seus efeitos podem ser vantajosos e, quando não, quais os efeitos negativos que eles implicam.

Estudos mostram que a arquitetura de terra tem inúmeros benefícios, dentre eles a virtude de ser uma construção ecológica, já que essa se utiliza de materiais do próprio local fazendo com que o consumo energético e poluição causado pela produção de materiais como a queima de tijolos seja sanado, além disso, o barro é poroso e faz com que sua condutibilidade térmica seja metade das paredes de tijolos cozidos, o que mantém a temperatura no interior da casa agradável e constante, pois, o calor que atravessa as paredes é transferido de forma lenta. Paredes feitas ou revestidas com barro também possuem alto índice de absorção de ruídos atribuindo a ele alto conforto acústico. O barro possui ainda baixo equilíbrio de umidade, protegendo a madeira quando em contato direto, da ação de insetos, além disso, pode ser reutilizável, bastando para apenas a adição de água (MELO, 2012, p. 32-34).

Octavio Ianni (1995) destaca que: “o povo, as massas, os grupos e classes sociais são induzidos a realizar as diretrizes estabelecidas pelas elites modernizantes e deliberantes.” (1995, apud. Almeida, p. 2), sendo assim, não se trata de se premiar a melhor ou pior forma de construir e sim de valorizar a identidade cultural da comunidade, ou seja, que ela se identifique com o meio em que está inserido, que sinta que é seu. Brandão (2008) conceitua ainda o termo identidade individual que ocorre quando há um sentimento de propriedade, de pertencimento, através de uma coerência entre narrativas e experiência pessoal (individual ou social) do lugar (BRANDÃO, 2008, p. 14).

A questão da identidade talvez seja o principal fator a ser trabalhado nesses locais, pois, a própria origem brasileira arraigada na colonização deixou marcas profundas nas mentes da sociedade, onde, na maioria das vezes o que vem de fora é mais valorizado que o produto local, então, os vínculos e o sentimento de pertencimento com a técnica se perdem. A da taipa de carnaúba é uma adaptação de um método implantado pelos portugueses, mas, que usa os materiais presentes em abundância no local, é diferente, é brasileiro, é vernacular, faz parte do cotidiano, é patrimônio, e está se perdendo. Essa é a nossa genuína arquitetura, que não é de castelos, mas sim da casa simples, a cadeira na calçada acompanhada de um café e uma boa conversa ao fim da tarde, o povo acolhedor, identidade nossa que deve ser valorizada tanto para o exterior e principalmente no próprio país, mostrando aos taipeiros da carnaúba que o que eles fazem faz parte da história do Brasil.

Segundo Carvalho (2011) o mundo não é um só, fato confirmado pela grande dimensão cultural, ainda mais no Brasil, onde, cada uma das cinco regiões representa uma imensa gama de costumes completamente diferente das demais, portanto, é praticamente inconcebível que se queira homogeneizar as culturas do mundo, dado que, como já afirmou Varine, cultura é tudo que está em volta, é o que traz memórias, se identificar com o local, Chiappin (1994) corrobora com Varine quando diz: “O que de fato importa para as pessoas não é a ideologia política ou o interesse econômico.

Fé e família, sangue e crença, é com isso que as pessoas se identificam e é por isso que lutam e morrem” (1994, apud CARVALHO, 2011. p. 21).

A UNESCO no seu artigo 1º, a Diversidade Cultural como Patrimônio da Humanidade, inserido na Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural, publicado em 2002, diz que a mesma se manifesta na “originalidade e pluralidade de identidades que caracterizam os grupos e as sociedades que compõem a humanidade”, além disso, o respeito e entendimento dessa variedade garante paz e segurança no mundo (UNESCO, 2002, p. 3). Para Mignolo (2003) o que está sendo vivido pode ser chamado de colonialismo global, uma vez que, a globalização não se preocupa com as identidades regionais, lançando para as comunidades a universalização o que faz as pessoas se identificarem mais com o mundo do que com o local, o que pode ser considerada uma lei do menor esforço dado as tamanhas divulgações, se tornando mais fácil se identificar com o global do que com o local (SILVA, 2010, p. 23).

Segundo Pereira (2011), existe “uma tendência contemporânea que transfere a importância dos aspectos materiais para os aspectos imateriais do patrimônio” (PEREIRA, 2011, p. 105), tendência essa denominada relativização material. Essa relativização não havia sido levada em consideração pelas teorias clássicas da restauração, contudo, atualmente ela é tão importante quanto a materialidade em si. Existe relações que diferem o pensamento das diferentes épocas, no período da teoria clássica da restauração relacionava-se muito a matéria (elemento) com a “verdade” do patrimônio, ou seja, o patrimônio só agregaria valor a partir da sua materialidade, como acontecia “em tradições antigas, na convicção de que o poder (natural, sobrenatural ou simbólico) emana da matéria (substância). A prevenção de relíquias ilustra a manifestação desta convicção.” (PEREIRA, 2011, p.105). Já nas teorias atuais esse relacionamento muda no momento que o significado tem a mesma dimensão que a matéria, e esse significado necessita ser transmitido, comunicado.

Dessa maneira, a taipa de carnaúba possui uma valoração que vai muito além das casas humildes construídas com a técnica, tendo seu valor principalmente no registro do saber fazer, em outras palavras, se trata de preservar tanto o patrimônio material quanto o imaterial. Como já foi visto, durante muito tempo considerou-se apenas o físico, porém, na Convenção para Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, realizado em Paris - 2003, foi elaborado um documento onde é conceituado o que seria considerado patrimônio cultural imaterial, definido-se:

Entende-se por “patrimônio cultural imaterial” as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana (UNESCO, 2003, p.4).

Consequentemente, através do registro, mecanismo utilizado como medida de salvaguarda, para a “identificação, a documentação, a investigação, a preservação, a proteção, a promoção, a valorização, a transmissão – essencialmente por meio da educação formal e não-formal” do patrimônio imaterial (CONVENÇÃO PARA A SALVAGUARDA DO PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL, 2003, p.5), a taipa de carnaúba seria estudada, e documentada para que dessa forma essa técnica construtiva tenha a sua significação cultural mantida, esse termo, definido na Carta de Burra vem como sinônimo de significado patrimonial e de valor cultural ligado ao valor estético, histórico, científico ou social de um bem para as gerações passadas, presentes ou futuras (CARTA DE BURRA, 1999, p.5), então, a taipa de carnaúba teria uma proteção para não ser alvo das tentativas de ser substituída por técnicas modernas convencionais e assim possa ser divulgada para as gerações posteriores.

Segundo o documento do Conjunto Histórico e Paisagístico de Parnaíba, é cada vez mais frequente a substituição dessas residências por outras de cimento e tijolo, paralelo a isso, muitas outras se encontram abandonadas e em alto grau de arruinamento ocasionados pela falta de manutenção. Olavo Pereira em Carnaúba, Pedra e Barro, diz ainda que os nossos referenciais de identidade estão sendo destruídos pelo novo, extinguindo a cultura urbanística, onde a arquitetura é resolvida sem estima social (SILVA, v. 2, 2007. p. 152), características essas vindas do mundo globalizado, isso posto, ao se analisar os efeitos provocados pela ideia de homogeneização da sociedade percebe-se que a mesma tem se tornado agente da perda de identidade patrimonial do local.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Constata-se que a técnica da taipa de carnaúba, mecanismo vernacular dotado de imensurável significado patrimonial e valor cultural, corre riscos de se perder por conta da desvalorização. A ideia lançada pelos padrões mundiais que ditam que as construções devem ser de materiais manufaturados, indicando status de conceitos preconcebidos tem feito da arquitetura de terra um elemento desconsiderado.

A aplicabilidade da taipa de carnaúba, na sua maioria em habitações de pessoas que possuem baixa renda, intensifica esse acontecimento, em virtude disso, é preciso que esse estigma seja quebrado através do reconhecimento, ressaltando os pontos positivos que essa técnica construtiva oferece, pois, não se trata de comparações entre materiais, mas sim, dar ao patrimônio daquele povo o seu devido valor, reavivando sua identidade.

Paralelo a isso, no atual modelo construtivo que o mundo se encontra onde a construção civil é uma das principais causadoras de poluição ambiental tanto nos processos de produção dos materiais quanto nos entulhos gerados, é urgente a necessidade de se buscar técnicas ecológicas. Nos últimos anos muitas pesquisas

e aplicações tem sido mostradas a respeito do uso da terra que possui inúmeras vantagens como as já abordadas, isso posto, é praticamente inconcebível que uma técnica de tamanho valor que pode ser reaplicada e principalmente valorizada no seu local de origem seja perdida.

O fenômeno não acontece somente com a taipa de carnaúba, mas várias outras técnicas, manifestações e representações culturais do nosso país contém a possibilidade de desaparecer, assim, ações simples de educação patrimonial em escolas e lugares de aprendizagem se tornam imensamente significativas para manter viva essa cultura. É, portanto, expressivo o valor que possui de se registrar o patrimônio imaterial da taipa de carnaúba, além, da conservação das próprias edificações, e principalmente fazer com que os moradores de casas feitas com tal técnica, bem como, os taapeiros se enxerguem como enciclopédias vivas sentindo a importância em não deixar que o conhecimento se perca.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Valmir Lima de. **Globalização e participação política**. Artigo feito com base na monografia “As principais dificuldades de participação política dos indivíduos na sociedade globalizada”, defendida no Curso de Pós-graduação em Pensamento Político Brasileiro – UFSM, Rio Grande do Sul, junho de 2001

BRANDÃO, Pedro. **A identidade dos lugares e a sua representação coletiva**: Bases de orientação para a concepção, qualificação e gestão do espaço público. Série Política de Cidades – 3. Lisboa, 2008

CARTA DE BURRA. Conselho Internacional de Monumentos e Sítios – ICOMOS, Austrália, 1999.

CARVALHO, José Natanael Fontenele de; GOMES, Jaíra Maria Alcobaça. **Contribuição do extrativismo da carnaúba para mitigação da pobreza no Nordeste**. In: VII Encontro da Sociedade Brasileira de Economia Ecológica. Fortaleza, 28 a 30 de novembro de 2007.

CARVALHO, Vanessa. **Globalização e Cultura**: os efeitos culturais da globalização no mundo contemporâneo. 2011

CONJUNTO HISTÓRICO E PAISAGÍSTICO DE PARNAÍBA. **Cidades do Piauí testemunhas da ocupação do interior do Brasil durante o século XVIII**. Piauí, 2008

CONVENÇÃO PARA A SALVAGUARDA DO PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL. UNESCO. Paris, outubro de 2003

LIMA, Maria de Lourdes (Coord.). **A carnaúba: preservação e sustentabilidade**. Câmara Setorial da Carnaúba. Fortaleza, 2009

LOPES, Wilza Gomes Reis. Et. All. **A taipa de mão em Teresina, Piauí, Brasil**: a improvisação e o uso de procedimentos construtivos. Fichas de Inventário: SICG (Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão) do IPHAN – Estudo de caso em patrimônio rural. 2013. n°. 1, p. 70-78.

MELO, Jefferson Kleber Varela de. **Técnicas De Construção Em Barro**. 2012. 43 f. Monografia apresentada a Universidade Federal Rural do Semiárido – UFRSA, Departamento de Ciências

Ambientais e Tecnológicas para a obtenção do título de Bacharel em Ciência e Tecnologia – UFERSA. Mossoró - RN. Outubro, 2012

PEREIRA, Honório Nicolls. **Tendências contemporâneas na teoria da restauração**. In. Reconceituação contemporânea do patrimônio. Ed. EDUFBA, 2011

SILVA, Carla Ribeiro Volpini. **A Influência da Globalização nas Manifestações Culturais e o Diálogo Intercultural como uma Genuína Alternativa de Respeito à Diversidade e ao Multiculturalismo**. V Anuário Brasileiro de Direito Internacional. Minas Gerais. v. 2, 2010

SILVA, Olavo Pereira da. **Carnaúba, Pedra e Barro** na Capitania de São José do Piauí. v. 1. Belo Horizonte: Ed. do autor, 2007.

_____. _____. v. 2. Belo Horizonte: Ed. do autor, 2007

UNESCO. **Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural**. Brasília. 2002

VARINE, Hugues de. **Raízes do Futuro**: o Patrimônio a serviço do desenvolvimento local. Tradução: Maria de Lourdes Pereira Horta. Ed. Medianiz. 1ª Reimpressão. Porto Alegre, 2013

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-035-3

